

PARA MARIÚA PARENTE.



# Dona Joventina

CALUNGADO  
MARACATU ESTRELA BRILHANTE

KATARINA REAL CATE

---

# Dona Joventina

CALUNGA DO  
MARACATU ESTRELA BRILHANTE

KATARINA REAL CATE

Cerimônia de doação da calunga Dona Joventina,  
do Maracatu Estrela Brilhante,  
ao Museu do Homem do Nordeste  
da Fundação Joaquim Nabuco

Março de 1996

## A “dona Joventina”, Calunga de Maracatu Nação

Saudação às Autoridades

Ilustres diretores e presidentes das agremiações da  
Federação Carnavalesca Pernambucana (FCP) aqui  
presentes.

Sras. Rainhas e Sras. Damas de Pazo dos Maracatus-nação  
*Estrela Brilhante, Elefante, Porto Rico, Encanto do Pina.*

*Meu compadre, Mestre Luiz de França Santos, do Leão Coroado.*  
Excelentíssimas Calungas, Senhores batuqueiros das Nações  
*Encanto do Pina e Elefante* e tantos queridíssimos velhos  
amigos, e alguns novos, que me honram com a sua  
presença.

Senhoras e Senhores

Para combater qualquer nervosismo da minha parte, vou  
convidar “dona Joventina” a falar em meu lugar, pois ela  
está muito acostumada a enfrentar o grande público e não  
tem medo de nada!

“Dona Joventina, a senhora quer falar agora à toda esta  
gente simpática?”

“Pois está com a palavra!”

Eu sou a Calunga dona Joventina, do antigo Maracatu  
Nação *Estrela Brilhante*, fundado no Recife em 1919. Eu  
“nasci”, ou se vocês preferem, fui talhada em madeira  
nobre por um santeiro muito talentoso, de nome

desconhecido (infelizmente), um pouco antes de 1910 - quer dizer, estou quase centenária!!

Eu tenho os braços articulados, posso colocá-los em qualquer posição; sou uma mulher completa, com os seios muito bonitos e algumas outras coisinhas. Durante muitos anos, Katarina pensava que eu estivesse grávida porque estou um pouco barriguda, mas quando, recentemente, dona Regina, aqui do Museu, examinou-me nua, sem minha roupa de gata, ela achou que não - achou que a minha barriguinha era típica de uma mulher africana, forte, muito bem nutrida.

Estou montada num pedestal, melhor dito, numa fruteira antiquíssima; minhas sandálias, estilo antigo, estão presas por dois parafusos um pouco frouxos para que eu possa balançar ligeiramente ao ritmo do baque virado do maracatu. Este tipo de fruteira é semelhante àquelas utilizadas pelas mulheres da Imandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, em séculos passados, quando elas iam de porta em porta, antes da festa de Nossa Senhora, angariando comestíveis e dinheiro para a realização dos seus festejos.

Durante muitas décadas, eu saí no carnaval e dancei nas mãos de diversas damas de paço, sempre recebendo os aplausos e a admiração do povo pernambucano. Mas foi só em 1961 que cheguei a conhecer a antropóloga Katarina Real, quando ela apareceu na sede da *Nação Estrela Brilhante*, localizada naquele tempo no bairro de Campo Grande, aqui no Recife, para entrevistar a dona Assunção, que era, na época, a presidente da agremiação e viúva do fundador do *Estrela Brilhante*.

A filha de criação de dona Assunção era uma adolescente muito linda e simpática chamada Lenira e era ela a dama do paço que me pegava para dançar e brincar no maracatu durante os desfiles carnavalescos. Posso lhes dizer que Lenira era uma dama do paço extraordinária, maravilhosa, e eu sempre ficava muito feliz dançando e rodando com ela.

Sempre que Katarina chegava na sede para conversar com dona Assunção, ela pedia que Lenira me trouxesse do quarto, escondido no fundo da casa, onde eu ficava e que Katarina nunca chegou a conhecer. Katarina então pedia que Lenira dançasse comigo, porque ela me achou muito linda e misteriosa, e eu comecei a ficar gostando dessa estrangeira com sotaque tão estranho.

O *Estrela Brilhante* saiu nos carnavais de 61 a 64, cada ano com mais dificuldade. Havia graves problemas e dissidências dentro da agremiação, e cada ano dona Assunção botava o maracatu na rua com maior sacrifício. Em 64, o antigo *Estrela Brilhante* apresentou-se pela última vez e com muita tristeza nos desfiles carnavalescos na Avenida Conde da Boa Vista. Eu acho que foi a primeira e a única vez que aquela avenida serviu de passarela para as agremiações populares.

Durante algum tempo, não vi mais Katarina, mas sei que ela lutou muito para impedir que o *Estrela Brilhante* acabasse. Num certo dia, em 1966, exatamente há trinta anos, dona Assunção me enrolou numa toalha e me levou ao apartamento de Katarina, no 14º andar do Edifício Duarte Coelho, onde havia "A Torre do Frevo". Ela contou a Katarina que durante uma sessão espírita, lá na casa dela, um mestre baixou para avisar que dona Assunção não precisava mais botar o maracatu na rua; que ela podia vender todas as alfaias da Nação, com exceção de mim - a Calunga dona Joventina - e que eu seria que ser dada de presente a Katarina.

Todo o mundo já sabe o resto da história: que Katarina aceitou a honra de ser a minha guardiã e que ela e seu marido, Bob (aqui presente), custearam as despesas da educação da dama de paço Lenira numa boa escola secundária do Recife.

Katarina queria que eu ficasse muito elegante, "numa luxuosidade" que eu bem merecia. Assim, ela desmanchou o vestido que eu usara no Baile Municipal de 64, e me fez este vestido bonito; mandou fazer uma capa de veludo com arminho, refez a minha peruca que estava um tanto

estragada, colocou brincos de Toledo, na Espanha, em minhas orelhas furadas e me deu algumas jóias para os braços e o pescoço. Foi Katarina que me fez esta coroa a partir de um prendedor de cabelo que ela trouxe dos Estados Unidos, o que é admirável, porque ela é pouco habilidosa com as mãos. A um marceneiro encomendou um cetro pequeno, onde ela colocou este animalzinho talhado em marfim.

Eu, durante os anos em que fiquei com Katarina, somente apareci em público três vezes. A primeira, foi em 1967, na belíssima cerimônia realizada na Câmara dos Vereadores, quando Katarina recebeu o título de "Cidadã do Recife". Estava ao seu lado quando ela fez seu discurso de agradecimento, "O Folclore e a Bondade Brasileira". O compadre dela, Seu Luiz de França, estava lá também e durante um emocional toque de baque virado de um maracatu presente na sala, Katarina me passou a Lenira, a jovem dama do paço, para dançar comigo pela última vez.

A segunda vez foi em 1968, no lançamento da primeira edição do livro de Katarina, *O Folclore no Carnaval do Recife*, no Teatro Popular do Nordeste do muito saudoso Hermilo Borba Filho.

A terceira vez que fui vista em público foi na exposição da coleção Katarina Real de Arte Popular Nordestina, num museu de grande destaque em San Diego da Califórnia, onde eu estava colocada logo na entrada da exposição, de braços abertos, dando boas vindas aos visitantes de vários países do mundo.

Em 68, a situação dos maracatus nação era péssima. O *Maracatu Elefante*, da saudosíssima Dona Santa, acabara com a morte da grande rainha em 62, o amigo *Estrela Brilhante* acabou-se em 64; e alguns outros maracatus estavam em condições muito precárias, ameaçados de desaparecer.

Profundamente preocupada com a situação, Katarina e seus amigos, o saudoso João Santiago e o presidente da *Troça Rei dos Ciganos*, o saudoso e magnífico Eudes Chagas, até

fundaram um novo maracatu nação, *O Porto Rico do Oriente*, com a orientação e colaboração generosíssima do compadre da Katarina, o grande mestre Seu Luis de França, e seu batuqueiro primoroso, meu amigo "Seu Veludinho", na época, com cento e três anos de idade.

Mas as coisas estavam muito estradas mesmo em 68! Tanto os Maracatus nação como os maracatus rurais estavam em declínio; a Federação Carnavalesca Pernambucana encontrava-se nas mãos dos "cartolas" que pouco se interessavam pelos problemas do povo carnavalesco; havia uma falta de interesse alarmante pelo folclore pernambucano e pela preservação das nossas tradições regionais; e a situação política ainda pior com o Movimento de Cultura Popular totalmente desmantelado e tantos bons amigos brasileiros presos, foragidos e até no exílio. Com muito pesar, Katarina e eu deixamos o Brasil em fins de 68, e eu fui para aquele país chamado Estados Unidos, onde ninguém sabe o que é um maracatu, ou uma fanfarra de frevo ou um estalido seco da preaca de um caboclinho.

Katarina e eu decidimos que eu ficaria por lá, esperando que a situação melhorasse para as tradições populares e para o povo carnavalesco.

Em 89, vinte anos mais tarde, Katarina voltou ao Recife a convite do Dr. Fernando Freyre, da Fundação Joaquim Nabuco, para estudar novamente nosso carnaval, e ela ficou admirada, entusiasmada, pelo crescimento explosivo das agremiações populares de quase todos os tipos: clubes, troças, blocos, maracatus, caboclinhos, ursos, bois e tanto mais.

Mas foi no ano passado, no carnaval de 95, que Katarina ficou tão empolgada pelo ressurgimento, restauração e renovação de tantas tradições folclóricas pernambucanas que ela voltou a Santa Fé, Novo México, onde vivemos e disse-me:

Dona Joventina, acho que chegou o momento da senhora voltar para o seu povo pernambucano, homenagear e agradecer a todo esse pessoal que está brincando nas dezenas de

maracatus nação, antigos e novos, nas centenas de maracatus rurais, e àquele povo brincando com mais de trezentos gigantes foliões do Mestre Silvio Botelho e outros, e para agradecer também a essa gente que está fundando novos blocos e cantando pelas ruas da cidade as saudosas marchas com orquestras de pau e corda, e a toda essa juventude nova que está tomando aulas de dança para aprender o passo, o maracatu, e o caboclinhos, e a todas as orquestras que fazem questão de tocar o frevo pernambucano na rua durante o carnaval, em vez de ritmos de outros países.

Pois, minha gente, aqui estou finalmente com meu povo carnavalesco, depois de quase trinta anos fora desta região de uma riqueza cultural folclórica inestimável! E aqui, serei sempre uma força de resistência cultural contra tudo que possa prejudicar a integridade das nossas tradições carnavalescas.

Para terminar, eu preciso lhes dizer, porque Katarina não quis, que é com grande sacrifício que ela se separa de mim. Mas ela bem sabe que eu serei muito bem cuidada neste maravilhoso Museu do Homem do Nordeste, da Fundação Joaquim Nabuco. Eu terei as calungas, dona Emília, dona Leopoldina e dom Luís da amiga de Katarina, dona Santa, para me fazer companhia. Katarina me promete voltar dos Estados Unidos de vez em quando para me visitar durante a Folia de Momo - e vou ficar aguardando sempre com muita alegria as visitas de todo o povo carnavalesco nordestino aqui no Museu!!

Muito obrigada pela atenção

Katarina Real e dona Joventina

Recife, 5 de março de 1996